

Resenha de “A Face Oculta do Amor – A Tragédia à Luz da Psicanálise”, de Denise Maurano, Juiz de Fora/Rio de Janeiro, UFJF/Imago, 2001.

*Marco Antônio Coutinho Jorge**

É raro que um autor brasileiro publique uma obra no exterior e, depois, em seu país. Mais ainda quando esse autor é psicanalista e o país a publicá-la primeiro é a França. Esse é o caso do livro *A face oculta do amor – a tragédia à luz da psicanálise*, de Denise Maurano, psicanalista brasileira com uma intensa produção escrita, autora de *Nau do desejo* (Relume Dumará, 2ª. ed., 1999), uma obra sobre a ética da psicanálise sob a perspectiva lacaniana, além de ter organizado a *Agenda de psicanálise* e a *Circulação psicanalítica*, verdadeiros fóruns de debates psicanalíticos que marcaram a década de 90 para os psicanalistas brasileiros de várias escolas.

Seu novo livro é uma surpresa para a psicanálise. Ele continua sua pesquisa sobre a ética da psicanálise e aprofunda sua diferença para com a ética na filosofia: se na tradição filosófica a ética sempre apresentou uma relação com um ideal a ser atingido, na psicanálise ela é pautada na abordagem dos conflitos, dos impasses e, essencialmente, da *desmedida* que vigora na relação do homem com sua ação. Foram algumas formulações pronunciadas por Lacan em seu seminário que despertaram na autora a indagação a respeito da relação entre a psicanálise e a arte trágica. Por exemplo: “É na dimensão trágica que as ações se inscrevem e que somos solicitados a nos orientar em relação aos valores”. (*A ética da psicanálise*). E ainda: “A filosofia de Freud é fundamentalmente anti-humanista [...] Freud deve ser situado numa tradição realista e trágica, o que explica que é à sua luz que podemos hoje compreender os trágicos gregos”. (*As psicoses*)

A partir do que essas e outras indicações apontam, Denise Maurano empreende um percurso ao mesmo tempo original e rigoroso que envolve toda a concepção freudiana sobre a cultura. Para Freud, no mito trazido em *Totem e tabu*, a constituição da cultura é correlativa do assassinato do pai como pólo de organização da lei, do pacto simbólico que visa cernir a vida com um sentido e apreendê-la naquilo que se pode nomear. Contudo tais

* Psicanalista, doutor em comunicação, escritor, diretor do Corpo Freudiano do Rio de Janeiro, professor da UERJ.

valores erigidos em Nome do Pai não calam o enigma da existência humana e a autora, chamando atenção para o fato de que tanto a psicanálise quanto o discurso trágico apontam para o que se endereça para além do mito do pai, localiza ao longo da história as diferentes formas de incidência da função paterna. E, para fazê-lo, aborda a tragédia em três grandes épocas distintas: a tragédia grega, sobretudo a partir da trilogia tebana de Sófocles; a tragédia moderna, focalizada através de Hamlet (Shakespeare) e Atalia (Racine); e a tragédia contemporânea, com *O pai humilhado*, de Paul Claudel.

A tragédia grega reflete o momento de constituição da cidade e de nascimento do Direito como vias privilegiadas de organização da cultura. Para Maurano, ela trata do *apelo à lei* (referida aos deuses, ao oráculo ou à cidade) como tentativa de responder aos impasses da existência e revela em seus personagens precisamente o esgarçamento absoluto de seus limites, conduzindo-os ao ultrapassamento da *Atè*, o limite da sustentação da existência humana.

A tragédia moderna focaliza a vigência da *hybris*, do exagero, num *apelo à razão* e à *subjetividade* que ela pretensamente sustenta. Se Descartes, o pai da modernidade, estabeleceu a analogia entre ser e pensar, as personagens trágicas desse período trazem como contraponto a *loucura* de Hamlet e Ofélia entre outros, assim como a vacilação do sentido e do domínio da fé demonstrada em *Atalia*. A vigência da dúvida – ser ou não ser –, a hesitação na ação, a problematização do sentido das coisas, todas revelam o fracasso da pretensão da razão em discernir, por meio do saber, a amplitude da vida.

A tragédia contemporânea focaliza, diferentemente do *apelo à lei* ou à razão, o *apelo ao amor e ao sexo*. Pensée, personagem cega de Claudel, bem denota que o *desejo de pensamento* da idade moderna se transforma, na contemporaneidade, em *pensamento de desejo*. Foucault mostrou como o termo *sexualidade* foi cunhado recentemente, levando a que a arte erótica da Antigüidade, cuja função era essencialmente estética, sem caráter regulador ou normatizante, cedesse a uma *ciência sexual*. Amor e sexo são na contemporaneidade chamados a responder pela existência, a curar a ferida da falta-a-ser que aí vigora. Mas congruente com a perspectiva trágica, a psicanálise surge não para endossar esse *apelo*, mas para esgarçá-lo até que ele se rasgue e revele quão desmedida é a pretensão de obturar a vida com qualquer valor, seja a lei, a razão, ou o amor... O Nada, em torno do qual a existência gravita, é tomado pela psicanálise em sua positividade de

castração implicada na perda do “natural” com a qual o sujeito paga sua inscrição no mundo simbólico.

Vê-se que a proposta da autora produz um deslocamento teórico em planos ao mesmo tempo heterogêneos e fundamentais, o que traz a seu trabalho uma riqueza ímpar, apresentada num estilo de rara beleza, claro e sem jargões herméticos. Freud e Lacan sempre insistiram não só na possibilidade, como também na necessidade, da psicanálise dizer algo sobre os eventos humanos situados mais-além da experiência clínica. Ambos realizaram diversos trabalhos nessa direção. E ambos se entusiasmiavam pela maneira pela qual Denise Maurano ousou levar suas propostas tão longe e profundamente.